

## CINCO MULHERES

— FIM —

### III

CAROLINA.



ois que! vás casar-te?  
— É verdade.  
— Com o Mendonça?  
— Com o Mendonça.  
— Isso é impossível! Tu, Carolina, tu formosa e  
moça, mulher de um homem como aquele, sem nada  
que possa inspirar amor? Ama-o acaso?

— Hei de estimá-lo.

— Não o amas, já vejo.

— É meu dever. Que queres, Lucia? Meu pai assim o quer, devo obedecer-lhe. Pobre pai! elle cuida fazer a minha felicidade. A fortuna do Mendonça parece-lhe uma garantia da paz e da ventura da minha vida. Como se engana!

— Mas não deves consentir n'isso... Vou fallar-lhe.

— É inútil, nem eu quero.

— Mas então...

— Olha, ha talvez outra razão : creio que meu pai deve favores ao Mendonça; este apaixonou-se por mim, pedio-me; meu pai não teve animo de recusar-me.

— Pobre amiga!

Sem conhecer ainda as nossas heroínas, já o leitor começa a lamentar a sorte da futura mulher de Mendonça. É mais uma victima, dirá o leitor, imolada ao capricho ou á necessidade. Assim é. Carolina devia casar-se d'ahi a alguns dias com Mendonça, e era isso o que lamentava a amiga Lucia.

— Pobre Carolina!

— Boa Lucia!

Carolina é uma moça de vinte annos, alta, formosa, refeita. Era uma d'essas bellezas que seduzem os olhos lascivos, e já por aqui ficão os leitores sabendo que Mendonça é um d'esses, com a circumstancia aggravante de ter os meios com que lisongear os seus caprichos.

Bem vejo como me poderia levar longe este ultimo ponto da minha historia ; mas eu desisto de fazer agora uma satira contra o *vil metal* (pobre metal!); e bem assim não me dou ao trabalho de descrever a figura da amiga de Carolina.

Direi sómente que as duas amigas conversavão no quarto de dormir da prometida noiva de Mendonça.

Depois das lamentações feitas por Lucia á sorte de Carolina, houve um momento de silencio. Carolina empregou algumas lagrimas ; Lucia continuou :

— E elle?

— Quem?

— Fernando.

— Ah ! esse que me perdõe e me esqueça; é tudo quanto posso fazer por elle. Não quiz Deos que fossemos felizes ; paciencia !

— Por isso o vi triste lá na sala !

— Triste? elle não sabe nada. Ha de ser por outra cousa.

— O Mendonça virá?

— Deve ir.

As duas moças sahirão para a sala. Lá se achava Mendonça em conversa com o pai de Carolina, Fernando a uma janella de costas para a rua, uma tia de Carolina conversando com o pai de Lucia. Ninguem mais havia. Esperava-se a hora do chá.

Quando as duas moças apparecerão todos voltarão-se para elles. O pai de Carolina foi buscal-as e levou-as a um sofá.

Depois, no meio do silencio geral, o velho annunciou o casamento proximo de Carolina e Mendonça.

Ouvio-se um grito suffocado do lado da janella. Ouvio-se, digo mal, — não se ouvio; Carolina foi a unica que ouvio ou antes adivinhou. Quando voltou os olhos para a janella, Fernando estava de costas para a sala e tinha a cabeça entre as mãos.

O chá foi tomado no meio de geral acanhamento. Parece que ninguem, além do noivo e do pai de Carolina, approvava semelhante consorio.

Mas, quer approvasse, quer não, elle devia effectuar-se d'ahi a vinte dias.

« Entro no tecto conjugal como n'um tumulo, escrevia Carolina na manhã do casamento á amiga Lucia ; deixo as minhas illusões á porta, e peço a Deos que não perca só isso. »

Quanto a Fernando, a quem ella não pôde ver mais depois da noite da declaração do casamento, eis a carta que elle mandou a Carolina, na vespera de realisar-se o consorio :

« Quiz acreditar até hoje que fosse uma illusão, ou um sonho máo semelhante casamento; agora sei que não é possivel duvidar da verdade. Pois que! tudo te esqueceu, o amor, as promessas, os castellos de felicidade, tudo, por amor de um velho ridiculo, mas opulento, isto é, dono d'esse *vil metal*, etc., etc. »

O leitor sagaz suprirá o resto da carta, accrescentando qualquer periodo tirado de qualquer romance da moda.

Isto que ahi fica escripto não muda em nada a situação da pobre Carolina, condemnada a receber recriminações quando ia dar a mão de esposa com o luto no coração.

A unica resposta dada por ella á carta de Fernando foi esta :

« Esqueça-se de mim. »

Fernando não assistio ao casamento. Lucia assistio triste como se fôra um enterro. Em geral perguntava-se que amor estranho era aquelle que levava Carolina a desfolhar a sua mocidade tão viçosa nos braços de semelhante homem. Ninguem atinava com a resposta.

Como eu não quero entreter os leitores com episodios inuteis e narrações fastidiosas, salto aqui uns seis mezes e vou leval-os á casa de Mendonça, n'uma manhã de inverno.

Lucia, solteira ainda, está com Carolina, onde costuma ir passar alguns dias. Não se falla na pessoa de Mendonça; Carolina é a primeira a respeital-o; a amiga respeita esses sentimentos.

É verdade que os seis primeiros mezes de casamento forão para Carolina seis seculos de lagrimas, de angustias, de desespero. De longe a desgraça parecia-lhe menor; mas desde que ella pôde tocar com o dedo o deserto arido e secco em que entrou, então não pôde resistir e chorou amargamente.

Era o unico recurso que lhe restava, chorar. Uma porta de bronze separava-a para sempre da felicidade que sonhára nas suas ambições de donzella. Ninguem sabia d'essa Odysséa intima, menos Lucia, que ainda assim sabia mais por adivinar e por surpreender as torturas menores da companheira dos primeiros annos.

Estavão, pois, as duas em conversa, quando ás mãos de Carolina chegou uma carta assignada por Fernando.

Pintava-lhe o antigo namorado o estado em que tinha o coração, as dôres que sofrera, as mortes de que escapára. N'essa serie de padecimentos, dizia elle, nunca perdéra a coragem de viver para amal-a, embora de longe.

A carta era abundante em commentarios, mas eu julgo melhor conservar sómente a substancia d'ella.

Leu-a Carolina, tremula e confusa ; esteve alguns minutos calada ; depois rasgando a carta em tiras muito miudas :

— Pobre rapaz!

— Que é? perguntou Lucia.

— É uma carta de Fernando.

Lucia não insistio. Carolina indagou do escravo que lhe trouxera a carta o modo por que lhe havia ella chegado ás mãos. O escravo respondeu que um moleque lh'a entregára á porta. Lucia deu ordem para que não recebesse cartas que viesses pelo mesmo portador.

Mas no dia seguinte uma nova carta de Fernando chegou ás mãos de Carolina. Outro portador a entregára.

N'essa carta Fernando pintava com cores negras a situação em que se achava e pedia dous minutos de entrevista com Carolina.

Carolina hesitou, mas releu a carta ; ella parecia tão desesperada e dolorosa, que a pobre moça, em quem fallava um resto de amor por Fernando, respondeu afirmativamente.

Ia mandar a resposta, mas de novo hesitou e rasgou o bilhete, protestando fazer o mesmo a quantas cartas chegassem.

Durante os cinco dias seguintes vierão cinco cartas, uma por dia, mas todas ficárao sem resposta, como as anteriores.

Emfim, na noite do quarto dia, Carolina achava-se no gabinete do trabalho, quando assomou á janella que dava para o jardim a figura de Fernando.

A moça deu um grito e recuou.

— Não grite! disse o moço em voz baixa, podem ouvir...

— Mas, fuya! fuya!

— Não! quiz vir de proposito, assim de saber se deveras não me amas, se esqueceste aquelles juramentos...

— Não devo amal-o!...

— Não deve! Que tem o dever commosco?

— Vou chamar alguem! Fuja! fuja!

Fernando saltou para o quarto.

— Não, não has de chamar!

A moça correu para a porta. Fernando travou-lhe do braço.

— Que é isso? disse elle; amo-te tanto, e tu foges de mim? Quem impede a nossa felicidade?

— Quem? Meu marido!

— Seu marido! Que temos nós com elle? Elle...

Carolina pareceu adivinhar um pensamento sinistro em Fernando e tapou os ouvidos. Nesse momento abrio-se a porta e appareceu Lucia.

Fernando não pôde affrontar a presença da moça. Correu para a janella e saltou para o jardim.

Lucia, que ouvira as ultimas palavras dos dous, correu a abraçar a amiga, exclamando :

— Muito bem! muito bem!

Dias depois Mendonça e Carolina sahirão para uma viagem de um anno.

Carolina escrevia o seguinte a Lucia :

« Deixo-te, minha Lucia, mas assim é preciso. Amei Fernando, e não sei se o amo ainda agora, apezar do acto cobarde que praticou. Mas eu não quero expôr-me a um crime. Se o meu casamento é um tumulo, nem por isso posso deixar de respeitá-lo. Reza por mim e pede a Deos que te faça feliz. »

Foi para estas duas corajosas e honradas que se fez a bemaventurança.

#### IV

##### CARLOTA E HOSTENCIA.

Uma fila de cincuenta carros, com um coche funebre á frente, dirigia-se para um dos cemiterios da capital.

O carro funerario conduzia o cadaver de Carlota Durval, senhora de vinte e oito annos, morta no esplendor da belleza.

Os que acompanhavão o enterro, apenas dous o fazião por estima á finada : erão Luiz Patricio e Valladares.

Os mais ião por satisfazer a vaidade do viuvo, um José Durval, homem de trinta e seis annos, dono de cinco predios e de uma dóce de fatuidade sem igual.

Valladares e Patricio, na qualidade de amigos da finada, erão os unicos que traduzião no rosto a profunda tristeza do coração. Os outros levavão uma cara de tristeza official.

Valladares e Patricio ião no mesmo carro.

— Até que morreu a pobre senhora, disse o primeiro no sim de algum silencio.

— Coitada! murmurou o outro.

— Na flor da idade, acercentava o primeiro, māi de duas crianças tão bonitas, amadas por todos... Deos perdõe aos culpados!

— Ao culpado, que foi só elle. Quanto á outra, essa, se não fôra desquietada...

— Tem razão!

— Mas elle deve ter remorsos.

— Quaes remorsos! É incapaz de os ter. Não o conheces, como eu? Ri e zomba de tudo. Isto para elle foi apenas um accidente; não lhe dá maior importancia, acredita.

Este pequeno dialogo dá já ao leitor uma idéa dos acontecimentos que precederão á morte de Carlota.

Como esses acontecimentos são o objecto d'estas linhas destinadas a apresentar o perfil d'esta quarta mulher, passo a narral-os mui succinctamente.

Carlota casára com vinte e douz annos. Não sei porque apaixonára-se por José Durval, e menos ainda no tempo de solteira, de que depois de casada. O marido era para Carlota um ídolo. Só a idéa de uma infidelidade da parte d'elle bastava para matal-a.

Vivêrão algum tempo no meio da mais perfeita paz, não que elle não dêsse á mulher motivos de desgosto, mas porque erão estes tão encobertos que nunca havião chegado aos ouvidos da pobre moça.

Um anno antes Hortencia B., amiga de Carlota, separava-se do marido. Dizia-se que era por motivos de infidelidade conjugal da parte d'elle; mas ainda que o não fosse, Carlota receberia a amiga em sua casa, tão amiga era d'ella.

Carlota comprehendia as dôres que podião trazer a uma mulher as infidelidades do marido; por isso recebeu Hortencia com os braços abertos e entusiasmo do coração.

Era o mesmo que se uma rosa abrisse o seio confiante a um insecto venenoso.

D'ahi a seis mezes Carlota reconhecia o mal que tinha feito. Mas era tarde. Hortencia era amante de José Durval.

Quando Carlota descobrio qual era a situação de Hortencia em relação a ella, suffocou um grito. Era a um tempo ciume, desprezo, vergonha. Se al-

guma cousa podia attenuar a dôr que ella sentia, era a cobardia do acto de Hortencia, que tão mal pagava a hospitalidade que obtivera de Carlota.

Mas o marido? Não era igualmente culpado? Carlota avaliou de um relance toda a hediondez do proceder de ambos, e resolveu romper um dia.

A frieza que começou a manifestar a Hortencia, mais do que isso, a repugnancia e o desdem com que a tratava, despertou no espirito d'esta a idéa de que era preciso sahir de uma situação tão falsa.

Todavia, retirar-se simplesmente seria confessar o crime. Hortencia dissimulou e um dia recriminou a Carlota os seus modos recentes de tratamento.

Então tudo se clareou.

Carlota, com uma colera suffocada, lançou em rosto á amiga o procedimento que tivera em casa d'ella. Hortencia negou, mas era negar confessando, pois que nenhum tom de sinceridade tinha a sua voz.

Depois d'isso era necessario sahir. Hortencia, negando sempre o crime de que era accusada, declarou que saharia de casa.

— Mas isso não desmente, nem remedeia nada, disse Carlota com os labios tremulos. É simplesmente mudar o theatro das suas loucuras.

Esta scena abalou a saude de Carlota. No dia seguinte amanheceu doente. Hortencia appareceu para fallar-lhe, mas ella voltou o rosto para a parede. Hortencia não voltou ao quarto, mas também não sahio da casa. José Durval impôz essa condição.

— Que dirá o mundo? perguntava elle.

A pobre mulher foi obrigada a soffrer mais essa humilhação.

A doença foi rapida e benefica, porque no sim de quinze dias Carlota expirava.

Os leitores já assistirão ao enterro d'ella.

Quanto a Hortencia, continuou a viver em casa de José Durval, até que se passassem os primeiros seis mezes do luto, no sim dos quaes casarão-se perante um concurso numeroso de amigos, ou pessoas que se davão por isso.

Supondo que os leitores terão curiosidade de saber o que sucedeu depois, aqui termino com uma carta escripta, depois de dous annos da morte de Carlota, por Valladares a L. Patricio.

« Meu amigo. Corte, 12 de ... — Vou dar-te algumas noticias que te hão de alegrar, como a mim, posto que a caridade evangelica nos manda lastimar as desgraças alheias. Mas ha certas desgraças que parecem um castigo do cé o e a alma sente-se satisfeita quando vê o crime punido.

« Lembras-te ainda da pobre Carlota Durval, morta de desgosto pela traição do marido e de Hortencia? Sabes que esta ficou a viver em casa do viudo, e que no sim de seis mezes casará-se á face da igreja, como duas criaturas aben-

çoadas do céo? Pois bem, ninguem as faça que as não pague; Durval está mais do que nunca arrependido do passo que deu.

« Primeiramente, ao passo que a pobre Carlota era uma pomba sem fel, Hortencia é um dragão de saias, que não deixa o marido pôr pé em ramo verde. São exigencias de toda a casta, exigencias de luxo, exigencias de honra, porque a fortuna de Durval não podendo resistir aos ataques de Hortencia, foi-se desmoronando a pouco e pouco.

« Os desgostos envelhecêrão o pobre José Durval. Mas se fosse apenas isso, era de agradecer a Deos. O caso, porém, tornou-se peior; Hortencia, que trahira a amiga, não teve duvida em trahir o marido : Hortencia tem hoje um amante!

« É realmente triste semelhante cousa, mas eu não sei porque esfreguei as mãos de contente quando soube da infidelidade de Hortencia. Parece que as cinzas da Carlota devião estremecer de alegria debaixo da terra...

« Perdõe-me Deos a blasphêmia, se acaso o é.

« Julguei que estas noticias te serião agradaveis, a ti que estimaste aquella pobre martyr.

« Ia acabando sem contar a scena que houve entre Durval e a mulher.

« Um bilhete mandado por H. (o amante) cahio nas mãos de José Durval, não sei por que terrivel acaso. Houve explosão da parte do marido ; mas o infeliz não tinha forças para manter-se na sua posição ; dous gritos e dous sorrisos da mulher puzerão-lhe agua fria na colera.

« D'ahi em diante, Durval anda triste, cabisbaixo, taciturno. Emmagrece a olhos vistos. Pobre homem! a final de contas começo a ter pena...

« Adeos, meu caro, vai cultivando, etc... »

Esta carta era dirigida a Campos, onde se achava L. Patricio. A resposta d'este foi a seguinte :

« Muito me contas, meu amigo Valladares, ácerca dos algozes da Carlota. É uma paga, não deixes de crê-lo, mas no que fazes mal, é em mostrares alegria por essa desgraça. Nem devemos tê-la, nem as cinzas de Carlota se regozijarão no outro mundo. Os mágos, no fim de conta, são dignos de lastima, por serem tão fracos que não possão ser bons. E basta a punição para ficarmos já condoídos do pobre homem.

« Fallernos de outra cousa. Sabes que os cafezaes... »

Não interessa aos leitores saber dos cafezaes de L. Patricio.

O que interessa saber é que Durval morreu de desgostos dentro de pouco tempo, e que Hortencia procurou na devoção de uma velhice prematura a expiação dos erros passados.



## ONDE SE ENCONTRA A FELICIDADE

---



beira de um rio manso e socegado, em uma praia de esbranquiçada aréa, via-se uma humilde cabana de pão a pique coberta de colmo. Uma rede estendida sobre algumas varas do lado de fóra da cabana, e uma velha canoa encalhada na aréa, bastavão para indicar que ahi morava um pobre pescador.

A pequena distancia de sua choça e abrigado dos abrasadores raios do sol sob a folhagem de uma enorme figueira, via-se o solitario morador d'esses sitios concertando as suas vestes, ao mesmo tempo que alegremente cantava. A seu lado um cão, sentado sobre os quartos traseiros, acompanhava com intelligente olhar e agitando a cauda todos os movimentos de seu senhor. O solitario era mestre Pedro, o pescador, que assim aproveitava o tempo que não podia estar no rio para apanhar os peixes que devia conduzir ao proximo mercado.

O sol estava alto, o calor intenso, e além do canto longinquo de uma cigarra e da monotona canção de mestre Pedro, nenhum rumor se ouvia, a não ser o ligeiro agitar de folhas secas pela passagem de alguma lagartixa, ou o suave murmurio dos ramos das arvores movidos pela viração que soprava.

Contemplando um quadro de tanta quietação e socego, o homem sente adormecerem as paixões mundanas que o agitão, e o seu coração pôr-se em harmonia com essa natureza tão calma e tranquilla.

De repente o cão persilou-se, o seu penetrante olhar enfiou por um atalho quasi perpendicular ao rio, e com um longo rosnado deu a entender que alguém se dirigia para a praia.

Com efeito, d'ahi a alguns momentos o pescador levantou-se vendo approximar-se um bello desconhecido, na força da idade e vestido com rara elegancia.

O suor que lhe corria pelo rosto, a espingarda que trazia ao hombro e a bolsa de caça vazia que lhe pendia a tiracollo, assim como os dous perdigueiros que o acompanhavão arfando de cansaço e com as linguas de fóra, bem explicavão ser o desconhecido um apaixonado da caça, que, depois de haver batido montes e valles, se perdèra em sitios que lhe erão estranhos.

— Bom homem, disse elle dirigindo-se a mestre Pedro, se sois o dono d'esta cabana permitti que n'ella repouse um pouco da grande fadiga que sinto, até que me ache em estado de procurar a estrada real de que me desviei.

— Sêde bem vindo, senhor; na minha pobre choça apenas encontrareis um tronco por cadeira e um catre por sofá, mas em compensação terei alguns limões e laranjas para vos refrescardes e agua fresca do regato; é o que possuo e vos offereço de coração.

Aceitou o desconhecido, e seguindo mestre Pedro, entrou na cabana, alliviou-se da espingarda e da bolsa que collocou a um canto, e estendeu-se gos-tosamente sobre uma velha marcaza forrada de couro, enquanto os seus perdigueiros com todo o desembaraço estiravão-se a fio comprido embaixo de uma decrepita mesa de tres pés.

Mestre Pedro dirigi-se ao pomar situado no fundo da cabana e voltou d'ahi a pouco trazendo um cestinho de limões doces, um ananaz e algumas ameixas e figos em uma folha de aboboreira. Arrastou para junto do seu hos-pede a velha mesa, sobre a qual estendeu uma toalha de alvo linho, onde collocou os fructos e um jarro da mais crystallina agua.

Em todo este tempo mestre Pedro não cessava de assobiar ou cantar ale-gremente, o que causava admiração ao caçador, que custava a comprehendér como se conciliava tanta ventura com tanta pobreza.

— Quanto vos invejo, bom homem! N'esta pittoresca solidão, longe do mundo onde sou forçado a viver, não estais certamente ao alcance dos odios mesquinhos, das intrigas e tantos outros sentimentos baixos que atormentão

e envenenão a vida dos que habitão nas cidades! Sem duvida sois feliz; não tendes ambições, não é assim?

— É verdade, senhor, vivo contente. Nas horas da pescaria, lanço á agua a minha canôa, e, acompanhado do meu cão, deito a rede; depois puxo-a, recolho o peixe, que pela madrugada conduzo á proxima aldêa; ahí troco o seu pequeno producto pelo que me é necessário e volto a tratar do pomar e da horta. A noite estendo de novo a rête no rio, e depois de louvar ao Senhor pelo bem que me fez e pelo que espero me faça, durmo tranquillo até á madrugada.

— Oh! vida suave e feliz! sem dôres, sem remorsos, sem receio de ladrões, ou de invejosos; vida como a deveria gozar o primeiro homem no Paraíso terrestre! E nunca vos assalta a tentação de experimentar a vida de emoções da corte, de ir aos espectaculos, aos bailes e ás festas?

— Vida da corte?! Como quereis que tenha essas tentações se nunca a vi? Apenas vou á aldêa que fica d'aqui a douis tiros de espingarda, ou quando muito estendo o meu passeio ás cabanas dos outros pescadores como eu. De tempos em tempos folgamos em casa de um ou outro, onde, ao som da viola ou guitarra, passamos alegres noites, até que o canto do gallo nos faça lembrar que é tempo de ir recolher o peixe que Deus enviou para a nossa rede.

— Deus vol-a conserve sempre assim, bom homem, pacifica e feliz. Gozaí-a, dando louvores ao Senhor que vos fez desconhecer as agitações, os temores, ambições e outros sentimentos que impedem o homem de admirar o que Deus creou para elle!

Continuárão n'essa pratica os douis, até que o caçador, tendo repousado sufficientemente, pedio ao seu hospede que lhe indicasse a direcção da estrada real.

Assim o fez mestre Pedro, pedindo-lhe desculpa por não o haver obsequiado como o desejara, allegando a sua extrema pobreza.

— Bom homem, disse o desconhecido no acto de separarem-se, eu sou o duque Eugenio, de cujo poder e riqueza tereis ouvido fallar; habito em un sumptuoso palacio a quatro leguas da aldêa onde costumais fazer o vosso negocio. Vou penhorado profundamente pela maneira com que me tratastes ignorando quem eu era. Praza aos céos que eu possa algum dia retribuir os vossos obsequios. Aquillo que desejardes e que esteja ao alcance de um homem poderoso como eu fazer-vos, contai que sereis servido.

Despedio-se mestre Pedro e pensativo voltou á sua cabana.

. . . . .  
Chegada a hora de estender, como era costume, a sua rede, notou mestre Pedro pela primeira vez que a sua canôa estava muito velha e começando a fazer

agua. E o offerecimento que o duque lhe fizera poucas horas antes veio imediatamente á sua memoria.

Erão passados douis dias e mestre Pedro, tomando o caminho da aldèa, e informando-se ácerca da direcção do palacio do duque, dirigo-se para lá.

— Senhor duque, disse elle ao fidalgo, que o recebeu com os braços abertos, bem cedo venho utilisar-me do offerecimento que me fizestes. Como sabéis, sou pobre e mais pobre me tornarei se não me auxiliardes; a minha canôa, unico capital que possuo, está quasi sendo inutil pelo seu máo estado, e não tenho meios de concertal-a. Dai-me uma outra mais forte e asseguro-vos que, se me quereis ver contente, nada então me faltará.

— Estais servido, mestre Pedro, disse o duque; vou dar ordem que vos remettão uma canôa nova e bem segura. De que tamanho a quereis?

— Senhor, se ella fôr um pouco maior do que a que vistes encalhada em frente á minha cabana, nada mais me restará a pedir-vos.

— Pois ide descansado; amanhã recebereis um batel novo, dentro do qual podereis accommodar com larguezza a vossa vella canôa. Queira Deos que com ella sejais feliz!

Sahio mestre Pedro contentissimo, e na tarde seguinte, no cumulo da alegria, vogava pelo rio em uma bella canôa, perfeitamente acabada e dentro da qual via-se uma rede nova e do melbor fio, que tambem o duque lhe mandára. Como abençoava elle, do intimo d'alma o generoso duque, que tão nobre emprego sabia fazer do seu poder! Quantas venturas lhe desejava!

Mas como é insondavel o coração humano!

Na volta da pescaria notava-se que a grande alegria que ha pouco apparecia no semblante de mestre Pedro era substituida por profunda preocupação.

O que lhe teria succedido? Acaso a sua rede nova seria levada pela correnteza? O lanço seria máo n'esse dia? Ter-lhe-hia acontecido algum contratempo, d'esses tão communs na vida do pescador?

Não; pelo contrario, a pesca fôra felicissima, a rede nada sofrera e a canôa vinha repleta de peixes dos mais estimados!

Tendo abicado á praia, mestre Pedro amarrou o seu batel a uma estaca fincada na beira do rio, sentou-se á porta da cabana, e apoiando a cabeça sobre a mão, entregou-se a grave meditação.

— De que me serve um batel tão grande e forte, se me é difficil conduzil-o só? Além d'isso, quanto me enfada já este isolamento em que vivo, sem um ente a quem diga os meus pensamentos, sem um companheiro que me ajude em meus trabalhos e que me assista em minhas enfermidades! Que vida ditosa eu gozaria, se, tendo alguem que me substituisse na pescaria algumas

vezes, pudesse reservar algumas horas para cultivar o meu pomar e a minha horta! Nada! vou ter amanhã com o duque; elle reconhecerá a verdade d'isso, e talvez por sua bondade me dará remedio. Elle é meu amigo, e portanto não quererá que eu viva como as feras, longe de meus semelhantes.

Tomada esta resolução, e depois de uma noite de esperanças e receios, o pescador dirigi-se ao palacio e expôz com vivas cores ao duque o vacuo que havia na sua felicidade, por não haver quem o ajudasse a lançar e puxar a rede, quem fosse ás vezes levar em seu lugar o peixe á aldêa, e mais que tudo, uma voz humana que quebrasse o triste isolamento em que vivia ha tantos annos.

Depois de ouvil-o com paciencia, disse-lhe o duque :

— É justo o que pedis; o homem é por sua natureza social, e sendo assim é duro que, fazendo excepção, vivais na solidão. Eu tenho justamente aquillo de que precisais; é um fiel criado, homem virtuoso e de confiança; levai-o comvosco e possa a vossa felicidade ser agora completa!

Difficil seria pintar a satisfação de mestre Pedro quando regressava para a sua cabana acompanhado do fiel Ricardo! Que esperançosos projectos ia elle elaborando enquanto vencia a distancia do palacio á choupana!

Parecia-lhe que d'ahi em diante, na sua alegre habitação, entre o seu cão que tanto o amava, e o seu novo criado, dono de uma canôa e uma rede novas, a sua sorte seria invejada até pelo proprio duque!

— Derramem-se sobre a vossa cabeça todos os favores do céo, ó meu bemfeitor! É só a vós que eu devo esta felicidade que me enche o peito e quasi me suffoca! Por vossa causa, posso dizer o que a poucos é permittido : que sou inteiramente ditoso!

Toda a tarde e parte da noite foi consumida em traçar a regra de sua vida futura; marcar os dias em que iria á pesca ou á horta, em iniciar o bom Ricardo nas suas obrigações novas, fazendo-lhe ver a tranquillidade do seu porvir.

Cansado de tantos planos adormeceu, e o seu sonno foi aformoseado por bellas visões, que continuárão assim os sonhos que tivera quando acordado.

Mas como é insondavel o coração humano! No seguinte dia encetáram os trabalhos, indo ambos ao rio, onde tiverão um bom lanço; mas á noite, depois de sua parca refeição, quando se dirigiram a repousar das fadigas do dia e ganhar novas forças para as do dia seguinte, mestre Pedro fez uma observação, que até então não lhe occorrera : a sua cabana tornára-se pequena para doux habitantes!

Esta observação tão simples na apparencia foi tomando grandes proporções

e obrigando-o a graves reflexões. Em vez de dormir socegadamente, como de costume, o pescador levou toda a noite a imaginar projectos de alteração para a cabana, delineando que lhe seria melhor aqui um quarto, alli uma saleta, acolá a cozinha, etc.; até que ao romper da madrugada tinha chegado ás seguintes conclusões: que necessitava de uma habitação mais vasta, e que essa deveria ser construída em um valle pittoresco, que ficava a pequena distância do rio e da cabana.

Sem ter conseguido conciliar o sommo, mestre Pedro ergueu-se e pôz-se em marcha para procurar o duque.

— Já vos esperava, disse-lhe este mal o avistou; o coração do homem não se satisfaz com uma canôa e um criado. Dizei-me pois, o que vos falta? Oxalá que eu vos possa servir.

— Oh! se podeis, senhor duque; se estais certo na minha miserável choupana, lembrar-vos-heis de que apenas consta de dous compartimentos. Além de ameaçar proxima ruina, é por demais pequena para dous moradores. Se desejais, como o haveis mostrado, ver-me no meu bem-estar, mandai construir-me uma outra que chegue para o nosso abrigo.

— Tendes razão, mestre Pedro, e não sei como isso não me ocorreu logo. Voltai satisfeito, que dentro em pouco tereis melhor habitação. Não é justo que vossos dias estejão ameaçados por um tecto prestes a desabar.

Poucos dias erão passados quando mestre Pedro tomou posse de uma linda casinha, edificada inteiramente segundo as suas idéas, com um jardim na frente, gozando-se d'ella a mais aprazivel vista, e além de tudo, o seu interior adornado com uma simples, mas elegante mobilia!

O seu prazer não conheceu então limites! Com alegria semelhante á de uma criança mestre Pedro entrava na sua nova casa, sahia, rodeava-a, tornava a entrar, examinava os moveis um por um, sentava-se ora n'esta, ora n'aquella cadeira, abria as janellas, observava o golpe de vista que d'ella se gozava, estendia-se na marqueza de palhinha que substituíra a sua antiga forrada de couro que era a um tempo a sua cama e a sua mesa. Emfim, o pescador não cabia na pelle, tão contente estava!

— Homem excellente! dizia elle; possa o Senhor dar-vos uma felicidade tão completa, como aquella de que vos sou devedor! A benção do Altissimo vos acompanhe e a vossos filhos, até á quarta geração!

Installando-se na nova morada, tratou logo de formar um jardim que circulava a frente e os lados, com uma latada de jasmíneiros e madresilvas cobrindo a janella do seu quarto, de maneira que pela manhã, quando acordava com o alegre canto dos canarios e dos pintasilgos, abrindo a janella, uma atmosphera impregnada dos mais suaves perfumes invadia o seu quarto.

Que satisfação! Mestre Pedro só ocupado agora do seu jardim e do pomar que fizera para o fundo da casa, já passava dias sem lembrar-se do seu fiel Ricardo, sobre quem recahio todo o encargo da pescaria e da venda do peixe no mercado, nem de sua canôa e rede, que tambem algum dia havia alegrado; e até, quem o pensaria? nem mais se recordava do seu extremoso cão, companheiro de seus dias de pobreza, que sentado a alguma distancia o olhava fixamente, como se o reprehendêra de sua ingratidão!

Pobre amigo dedicado! Seu amo não percebia esse olhar fixo sobre elle; um só pensamento o absorvia: a sua habitação com seu lindo jardim!

Mas como é insondavel o coração humano! Mestre Pedro ouvira um dia ao seu criado, gabando a sua casinha, dizer que ella era bella como as casas da corte, e desde então lhe nascera a curiosidade de ir visitar a corte.

Mas como fazê-lo? Ella ficava a muitas leguas de distancia; para lá ir, necessitava de um navio, e como o obteria elle? É verdade que a experimentada bondade do duque lhe ocorreu imediatamente, mas não era isso abusar de sua benevolencia? Elle que já attendera ás suas necessidades reaes, attenderia tambem aos seus caprichos?

Por estas e outras considerações semelhantes, conteve-se o pescador alguns dias; porém o desejo de ver a corte crescia quanto mais elle queria comprimir-o, e tornou-se tão forte que parecia dever degenerar em mania.

No sim de douis dias, não podendo mais conter-se, foi procurar o fidalgo, e com toda a eloquencia de que era capaz, pintou-lhe o vehemente desejo que nutria de ver o seu principe e a sua corte.

Depois de ouvil-o attentamente, disse-lhe o duque batendo-lhe no ombro:

— Farei o que desejais; mas praza aos céos que nunca amaldiçoeis a hora em que nasceu-vos esse desejo! Ide, já que o quereis; eu vos enviarei amanhã uma embarcação segura, com amestrada equipagem, que vos conduzirá até lá. Chegando á corte, observai, estudai; as viagens são instructivas e de muita utilidade; mas não vos deixeis seduzir pelas pompas e luxo que vereis desenvolver, sob pena de perderdes para sempre a tranquillidade e a paz interior. Comparai a continua agitação que ahi se nota, com a calma e a felicidade que gozais na vossa cabana á beira do rio socegado, e voltai breve para cuidar da vossa rede e do vosso jardim, em companhia do fiel Ricardo e do cão vosso amigo.

Agradeceu mestre Pedro ao duque, mas não com aquella effusão de reconhecimento do costume; tanto é certo que aquillo que consideramos a principio como um beneficio, com a continuação nos vai parecendo uma obrigação. Por isso, o pescador agradecendo friamente o novo obsequio, achava que os conselhos dados pelo seu bemfeitor cheiravão um pouco a impertinencia.

Chegando á cabana tratou de fazer os preparativos da viagem ; deu as suas ordens ao criado, e na madrugada seguinte avistando um pequeno navio a meio rio, dirigi-se para elle e fez-se á vela imediatamente, tão absorvido em seus projectos que nem deu um olhar de despedida á sua cabana e jardim, nem um pouco de attenção aos queixumes do seu fiel cão, que na praia dava dolorosos uivos, á proporção que via afastar-se a embarcação !

Leitor, não maldigais dos sentimentos do pescador ; como elle, é infelizmente a maior parte dos humanos ! Se tivesseis tambem um complacente duque, não farieis nada mais, nem nada menos do que fez mestre Pedro.

Prosigamos.

No fim de umá semana de rapida viagem, ajudada pelo duplo auxilio da correnteza da agua e de vento favoravel, aportou o navio á corte, e desde que saltou no caes, ficou mestre Pedro extasiado diante do bello quadro que se desenrolava diante de seus olhos. Magnificos palacios, formosas praças rodeadas de lindas habitações, luzidos templos, theatros, museos, jardins publicos, seguro porto com milhares de embarcações de todas as bandeiras e mastreações, desde as imponentes náos até as velozes baleeiras; uma infinitade de carros elegantes cruzando-se nas ruas, cavallos das mais finas raças, tudo o enlevava, pela forte razão de ser a primeira vez que isso via e de cuja existencia não tinha a mais ligeira idéa.

Durante alguns dias elle apenas se recolhia á casa para comer e dormir ; o resto do dia e da noite era empregado em visitar edificios, percorrer as ruas e frequentar os theatros. Se por acaso vinha-lhe á mente a sua cabana, era para fazer reflexões como estas :

— É preciso que eu fosse bem estupido para achar tão linda a mesquinha cabana que me deu o duque ; hoje conheço que fica muito inferior ás cozinhas e cocheiras das bellas casas da corte ! Como pude viver tantos annos, soffrendo o ardente calor do sol, as intemperies das estações, caminhando descalço e mal vestido grandes extensões ; levantando-me ao romper da madrugada e cavando a terra, podendo aqui viver com todas as commodidades, tendo apenas o trabalho de escolher um, entre mil passatempos e divertimentos ! Decididamente não volto mais áquella miseravel palhoça !

D'esta maneira vivia mestre Pedro, quando uma tarde encontrou em uma praça o duque que n'aquelle momento chegava á corte, onde vinha tratar de alguns interesses.

Abraçárão-se, e perguntando o duque como achava a corte, mestre Pedro desfez-se em elogios com tal vehemencia, como o faria um acerrimo cor-tezão.

— Visto isto, considerais-vos agora feliz, não ?

— Perdoai-me, Sr. duque, feliz completamente não o sou; uma idéa persegue-me constantemente, e de tal maneira que me tira a faculdade de gozar o que vejo.

— E poderei eu remover essa importuna idéa? se julgais que o possa, falai, que em mim sobra a boa vontade.

— Pois bem, Sr. duque, a vossa bondade me anima e vou confiar-vos a causa que me afflige. Quando me lembro que dentro em breve devo tornar para a minha triste cabana, no meio d'aquella solidão, sem esperança de voltar a esta cidade, verdadeiro paraíso terrestre, confesso-vos, Sr. duque, que o meu coração se cobre de luto. Se me trocassem, ó meu bemfeitor, a cabana por uma d'estas elegantes casas, eu vos asseguro que veria satisfeito correrem as horas e os dias sem temer o aborrecimento e a tristeza.

— Eu vos lamento, disse o duque; sucedeu o que eu previa; os enganadores prazeres da corte fizerão enfadar-vos da calma feliz que gozaveis outr'ora! Não importa; quero fazer-vos ditoso a todo o custo. Dar-vos-hei a casa que escolherdes em troca da cabana, que pertencerá agora ao bom Ricardo. Além d'isso, vos assegurarei uma renda bastante para que gozeis da vida com todos os commodos.

Mestre Pedro escolheu um bello predio, novo e situado em uma espaçosa praça, na proximidade do palacio do principe. Recebeu do duque os titulos da doação e installou-se na sua nobre residencia no mesmo dia.

D'abi em diante mestre Pedro era o Sr. Pedro, e tudo parecia estar á medida dos seus desejos.

Gozando da sua nova vida, passou o Sr. Pedro alguns dias na mais completa satisfação; porém como a triste humanidade é tal, que mesmo aquillo que desejou com mais ardor, depois da posse vai diminuindo de merecimento até que chega a aborrecer, assim também foi-se elle acostumando ao seu novo estado, perdendo pouco e pouco o apreço que lhe dava, achando-o depois monotonio, e finalmente chegou a ter momentos de aborrecimento, e n'esses momentos começou a sua inquieta imaginação a formar novos desejos.

— Ora este duque, dizia elle consigo balançando-se em uma poltrona, tendo tanto poder, porque só me faz meios favores, podendo fazê-lhos inteiros? Por que motivo não me deu logo uma boa carruagem com linda parelha, criados agaloados, uma quinta para onde eu fosse passar este verão rigoroso que me abafa, umas terras a que fosse inherente uma baronia, ou viscondado; e até com a riqueza e influencia de que dispõe, bem facil lhe seria introduzir-me na casa do principe! Oh! como viveria eu então alegre! Como seria eu invejado, adulado e procurado pelos grandes! Com que res-

peito seria olhado pela plebe ignorante! Ah! e toda esta felicidade ser-lhe-hia tão facil obtêr-a para mim!

O duque havia promettido ao Sr. Pedro vir vê-lo quando tivesse terminado os seus negócios e antes de retirar-se para a sua quinta. Impaciente esperava este o cumprimento d'essa promessa, resolvendo a tentar ainda uma vez a inesgotavel bondade do duque.

Convém dizer, que já para o ex-pescador esse objecto não era encarado como um favor que o duque podia ou não attender; elle suppunha-se com algum direito, e no seu interior amargamente queixava-se d'elle, por não se haver lembrado, ha mais tempo, de conceder-lhe a carruagem, titulos, etc.

Foi n'estes sentimentos que o Sr. Pedro recebeu uma manhã o seu amigo duque.

Narrou-lhe por extenso a causa dos seus aborrecimentos; fez-lhe ver que já se enfadava de ver palacios, jardins, carros e brazões alheios; que os theatros só representavão peças vistas muitas vezes por elle, e terminou pedindo-lhe os meios de possuir uma posição tal que lhe permittisse variar infinitamente os seus prazeres.

Não se desmentio ainda d'esta vez a bondade do duque, antes pelo contrario attendeu-o benevolamente como se já contasse ouvir esse discurso, e quando elle acabou, despedio-se promettendo-lhe que breve seria satisfeito.

Com effeito no dia seguinte, ainda na cama, recebeu o Sr. Pedro um convite do principe, que o chamava a palacio.

Nunca ordem alguma foi cumprida com mais rapidez, e avaliem o grão do seu transporte, quando o principe lhe declarou que em virtude de uma recommendação á qual não podia faltar, o nomeava mordomo da sua casa, com todo o tratamento e vantagens annexas a tão elevado cargo, isto é, d'ahi em diante devia partilhar da sua quinta, sua mesa, carruagens, cavallos, etc.!

Se o prazer tirasse a vida, o ex-pescador teria caido fulminado n'essa occasião; porém depois de balbuciar confuso alguns agradecimentos, dirigio-se elle para um salão, onde o esperavão os officiaes da casa do principe e muitos outros nobres que vinhão comprimentar a Sua Excellencia.

Que gloria! que ventura!

Se o duque estivesse presente, alegrar-se-hia, porque tinha conseguido o que desejava, vê-lo feliz.

O ex-pescador era com effeito muito feliz; mas .... ah! era só n'esse momento!

Bem poucos dias erão passados e já o mordomo do principe observava em seus subalternos uma certa repugnancia em obedecer a um homein que

pouco antes nada era, e que até nem se sabia quando e de que modo apparecerá na corte.

Nos dias de recepção em palacio, elle notava que os nobres reunidos em grupos conversavão deitando-lhe olhares pouco benevolos. Até uma vez passando por junto de um d'esses grupos ouvira elle distinctamente o seguinte :

— D'onde sahiria este cogumelo? dizia um.

— É tão desageitado que logo se vê não ter pratica alguma da boa sociedade! dizia outro.

— O que lhe acharia de bom o nosso principe, para dar-lhe um cargo do qual elle está tão longe como nós das estrellas? accrescentava um terceiro.

D'esse dia em diante, o mordomo vivia em continua desconfiança, de tudo suspeitava, em tudo via uma indirecta que se lhe lançava. Se os nobres conversando, rião-se, elle attribuia logo a alguma falta que houvesse cometido em um acto, ou uma incorrecção de linguagem. Se perante elle elogiauão a sabedoria e talentos de alguém, um vivo rubor lhe subia ao rosto, supondo que querião escarnecer de sua ignorancia. Da mesma sorte, se se tratava de nobreza e fidalguia, julgava ver n'isso uma intenção de recordar-lhe a sua origem desconhecida.

Oh! quantas vezes elle estremecera só com a idéa de que podião ir descobrir a sua antiga profissão de pescador! Quantas vezes em horrivel pesadêlo representava-se-lhe esbarrar diante dos seus inimigos com algum de seus antigos freguezes de peixe!

Emfim, agora é que elle certificava-se que os desgostos estão sempre na proporção dos cargos e que mal avisado é aquelle que procura posições para as quaes não foi preparado.

Porém, restava-lhe ainda a confiança do seu principe, e essa o consolava dos outros espinhos de sua existencia.

Uma tarde passeava o duque na sua quinta, quando um individuo, entrando precipitadamente, dirigo-se para elle e lançou-se-lhe aos pés dando indicios de vehementemente afflição. A surpresa do fidalgo foi extrema reconhecendo n'elle o poderoso mordomo do principe, não com as vestes magnificas proprias do seu cargo elevado, porém vestido com simplicidade e mesmo pobreza!

Levantou-o o duque commovido e fazendo-o sentar inquirio qual a causa de tamanha dôr.

— Ah! meu caro bemfeitor, exclamou o ex-mordomo depois de socegar um pouco, hoje, com mais fervor do que nunca, me dirijo a vós, para im-

plorar o maior dos benefícios! Tenho abusado de vossa generosidade grande numero de vezes, por isso temo que me recuseis o que agora vos peço de joelhos. Procurastes fazer a minha felicidade, mas eu, imprudente! não attendia aos vossos sabios conselhos, e como um louco despenhava-me no pelago dos infortunios! Fizestes-me rico, poderoso e nobre, porém tudo isso longe de dar-me a ventura só servio para encher-me de inquietações e desgostos. Oh! meu bom pai, attendei á minha supplica, restituí-me a minha velha cabana, a minha rede e o meu cão, e o céo vos abençoará!

Admirado ficou o duque por ouvir esse discurso tão desordenado e cheio de amargura, e tranquillisando-o, pedio que lhe narrasse os motivos que occasionavão uma mudança tão subita no seu modo de pensar.

— Ha apenas um mez, disse o ex-mordomo, que fui por vosso valimento e protecção elevado a uma posição para a qual não tinha a mais leve habilitação e que desejei em um momento de loucura. Apezar de minha inaptidão, o principe tratava-me com amizade e mostrava-se satisfeito. Os nobres, porém, nunca perdoárião a minha nomeação e votárião-me um odio tão intenso que transluzia em todos os seus actos para coimigo. As minhas acções, mesmo as mais meritorias, erão por elles analysadas e envenenadas. Se eu castigava um criminoso, era taxado de barbaro e cruel; se perdoava uma falta de meus subordinados, accusavão-me de acorçoar o crime e promover a relaxação. Se negava um pedido impossivel que me fazião, era, segundo elles, incapaz de servir a alguém, um egoista, um avarento; se sabião que eu soccorria alguma familia indigente, espalhavão que eu era um prodigo, que esbanjava o que não me custára a adquirir. Se o principe reprehendia algum d'elles, sempre de mim é que se queixavão, dizendo que eu os intrigava e desconceituava para com o principe. Em sim, era eu o autor de todos os males que sucedião na corte, antes de mim tudo era paz e tranquillidade. Conheci então que a verdadeira ventura habitava na minha pobre cabana, e chorava de pezar sempre que comparava a minha vida de pescador com a de ministro e mordomo do principe. Ainda uma vez, meu protector, não me recuseis aquillo que me pôde fazer feliz!

— Tudo isso eu esperava que sucedesse, mestre Pedro; sei por experiençia propria o que é o coração humano. Suppunha que ereis diferente dos outros, mas vejo que a regra não tem exceção; ninguem se contenta com o que Deos lhe deu, e por isso vivem lamentando-se; este é infeliz porque não possue cabedaes, aquelle porque, tendo-os, não tem saude para gozar d'elles, aquell'outro porque não herdou pergaminhos e titulos de nobreza. Todos são como vós, mestre Pedro. Ide para a vossa antiga cabana, porquanto a nova pertence hoje ao vosso ex-criado Ricardo, que d'ella está de posse; el'a

está bastante velha, é verdade, mas mandarei reparal-a e ainda podereis gozar n'ella muitos dias venturosos.

Agradecido, deu mestre Pedro mil louvores a Deos e ao duque, e não querendo retardar o momento de tornar para o seu antigo domínio, correu a tomar conta d'elle. Abraçou enternecido o seu cão, o qual, assim como o velho Ricardo, chorárão de alegria por vê-lo novamente.

N'essa mesma tarde, mestre Pedro, na sua canôa estendendo a rede no rio, mostrava por seu canto alegre e desentoadado, ter esquecido a sua gloria passada; e desde então, todas as noites, quando vai deitar-se no seu catre, cansado de fadiga e de somno, porém livre de intrigas e desasocego, mestre Pedro não se esquece de render graças a Deos pela verdadeira riqueza com que o dotou.

---

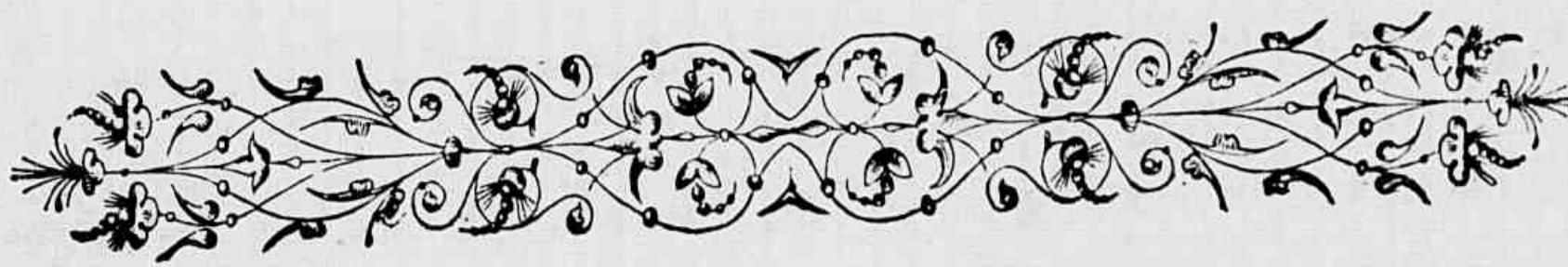
E vós, caro leitor, meditai sobre este pequeno conto; contentai-vos com o que possuis, e quando a ambição vos aconselhar mudança no vosso estado, lembrai-vos d'aquella sentença tão justa do príncipe de Ligne :

« O homem cansa-se do *bom*, procura o *melhor*, encontra o *máo*, e n'elle se conserva com medo do *peior*.

A. F.

Abril de 1864.





## HISTORIA

### EVA

#### I



inham sido criado o homem. Do trono de sua grandeza descêra a Trindade omnipotente, e formára, para manifestação de sua gloria, a mais perfeita de todas as suas obras.

Fôra tirado o homem do limo da terra, corruptível como ella, mas animado pelo sopro divino do espirito que se não corrompe, que não morre, que sobrevive à aniquilação ou transmutação da materia.

Collocára-o a elle e à companheira de sua vida, *tirada de sua carne e de seu osso*, no paraíso terreal.

Doce era a vida que alli fruia o primeiro casal que habitára a terra.

Era inocente a aspiração de seus desejos, não soffria o embate das paixões, não lhe pungia o coração o torturar do desalento, as agonias da dôr; era placida e suave, como as aguas do lago que o vento não agita, limpida como o azul do firmamento que não embacia uma só nuvem, suave como uma manhã de primavera perfumada pelas flôres do prado, pela briza das campinas.

E quando o sol despontava, dourando a terra com seus raios de ouro, por entre as folhagens das arvores que adornavão aquelle delicioso paraíso, aves de mil especies, de variados cantos, de formosas cores, vinham, sem temor do homem, aumentar as galas da natureza e entoar louvores ao Eterno Creador de todas as cousas.

Tudo era do homem, tudo havia sido feito para aumentar-lhe a felicidade e multiplicar-lhe os gozos.

Das arvores pendiam saborosos fructos; murmurava-lhe a briza aos ouvidos notas suavissimas de magica harmonia, e os rios que no valle abençoado nasciam mitigavão o ardor vivificante do sol, nas horas calmosas do dia.

Não tinham ferocidade os animaes das selvas, e sacudindo o leão a juba crespa, vinha submisso lamber os pés ao rei e á rainha da criação.

E á noite, quando scintillava o céo como immensa abobada de azul marchetada de brilhantes; quando pallida a lua lançava os raios de prata por sobre as aguas do rio e as arvores da floresta; quando o ruido do regato era mais suave, mais melancolico; quando a natureza emmudecia e o rouxinol entoava esses accordes arrebatadores, essa musica melodiosa como uma nota de anjos, como um cantar de seraphins, o homem arrebatado de prazer, elevado de harmonias, commovido e agradecido, entoava hosannas ao supremo architecto da natureza.

— Tudo quanto aqui está é teu, disse-lhe o Senhor, dou-t' o eu, que tudo creei; as aves do ar, os animaes da montanha, as flôres da campina, tudo pertence-te...

« Mas não toques nos fructos formosissimos á vista d'aquellas duas arvores; não os comas, que morrerás de morte, porque t' o prohibo eu.

E não tocára n'elles o homem, não, que o Senhor o não queria; não, que morreria de morte, transgredindo a proibição divina.

## II

Fôra o orgulho que arrancára das glorias do Empireo e precipitára na profundidade dos abyssos a legião rebelde dos archangels.

Devia de ser á inveja dos calidos que faria cahir o homem tambem.

Reuníra-se o infernal conciliabulo nos pincaros agudos da mais alta montanha da terra, e erguendo a voz estridente, assim fallára Lucifer, o principe das trevas :

— É vergonha para nós, anjos que não quizemos curvar a fronte radiante de luz ao aceno do Todo-Poderoso...

« É vergonha para nós, que goze de tranquilla felicidade, que seja o mimo-

so do Senhor, aquelle composto de argila vivificada pelo sopro da Trindade...

« É vergonha, de certo, quando nós, espíritos de luz e cuja perfeição se não iguala á sua, vivemos em meio de torturas, esmagados pelo raio do Omnipotente trovejador.

« Não; não será assim, espíritos que obedeceis ao meu aceno, companheiros da minha desgraça, rebeldes, mas orgulhosos como eu; não será assim; entremos denodados na luta, e destruamos a paz suave que desfructa o homem.

« Ah! como doce nos será, se o virmos acabrunhado tambem ao peso da maldição do céo!

« Como lisongeará nosso orgulho o destruirmos a obra aformoseada com desvelo pelas mãos do Eterno!

« Eia, espíritos, lancemos mão de todos os ardis, evidencemos todos os esforços e que o resultado corôe nossos desejos. »

Disse e calou-se.

E como o ruido da ventania desencadeada, que arranca as arvores seculares e soleva as ondas, assim echôa a voz da legião rebelde:

— Sim, lancemos mão de todos os ardis, evidencemos todos os esforços, e que o resultado corôe nossos desejos.

### III

Linda era a tarde; tão linda como ideal-a assim não pudera a imaginação do homem.

E descuidosa, desfolhando flôres, passava Eva, a casta e formosa companheira de Adão.

Sentára-se á sombra de uma palmeira, e alli, cabindo-lhe ao collo os louros anneis de seus cabellos longos, alisava as pênnas côr de esmeralda de uma ave que lhe fôra brincar entre os dedos.

E depois, soltando um trinado, e sacudindo as azas, rapido tomára o vôo a ave e fôra poustar no galho da palmeira.

A sós Eva ficára; pela collina vizinha passava Adão, recreando os olhos ante o espectáculo imponente do desapparecer do sol.

Manso e manso se foi approximando de Eva flexivel serpente.

Fitára-lhe os olhos impregnados de ternura e de suavidade... Mas quem lh'os observasse com attenção perceberia o lampejar da astucia e da mal-dade por através da limpidez da candura que affectavão.

Era o archanjo das trevas, era Satanaz o rebelde, que lhe tomára as fórmas e que meigo vinha illudir a mesquinha.

E fallou á mulher, que scismava:

— Em que scismas se enleia a formosa rainha da creaçao? Porque essa nuvem ligeira que lhe embacia a fronte?

— Scismo na grandeza do Senhor, e na infinita sabedoria que presidio á creaçao de todas as cousas.

— Ah! não dizes tudo quanto pela alma te vai! em meio de toda essa felicidade de que gozas, que te inunda, ha uma idéa que te persegue, ha um vacuo que não podes encher!

— A mim?

— Sim, a ti; persegue-te ella constantemente, acompanha-te por toda a parte, como a sombra ao corpo; queres repellir-a, mas volta incessantemente. Quando casta reclinas a fronte no seio do esposo, mirando os teus nos olhos d'elle, ou quando na lympha crystallina contemplas a formosura de teu semblante; ou quando, á noite, te reclinas no velludo da relva, sempre essa idéa a perseguir-te... sempre ella!...

— Não te comprehendo...

— Bem me comprehendes tu... Não ousas dizê-lo, de medo que a briza da tarde leve tuas vozes á presença do Eterno.

« Dize-me, porém, és completamente feliz, de modo a nada desejas á tua felicidade?

— Sou... Deu-me o Senhor a posse de todas as cousas creadas.

« Provo dos fructos deliciosos das arvores do paraíso, farto a sède na lympha do rio e repousa a fronte no seio d'aquelle de quem fui tirada.

— Dos fructos de todas as arvores provas tu? Bem sabes que não; que ainda se não pousárão teus labios nos mais formosos que pendem d'aquellas duas arvores...

— Não; que prohibio-me o Senhor.

— Bem t' o dizia eu, que não eras completamente feliz; que te persegua incessante uma idéa, como a sombra a acompanhar o corpo. E porque t' o prohibio elle?

— Não sei.

— Sei-o eu. *Arvore da sciencia, arvore da vida,* eis os seus nomes. Não, não será ferido de morte aquelle que lhes comer os fructos; saberá tanto quanto o Senhor, será eterno como elle.

— Cala-te, cala-te...

— De onde lhe vem o poder infinito?

« Da sabedoria infinita que n'elle reside. Come e verás... Ficarás sabendo tanto quanto elle; teu poder igualará ao seu...

— Cala-te, cala-te...

— Não; ouve-me; crearáis como elle pela força unica de tua vontade, obedecerá tudo ao teu aceno, o sol que vai desapparecendo no occaso, o vento das florestas, as aguas do oceano...

« Come, e viverás por toda a eternidade.

— Mas se não fôr assim como dizes, balbuciou a mulher, se eu morrer de morte?

— Não morrerás; prohibio-te o Senhor para que não fosses igual a elle, em vez de obedecer-lhe como feitura sua...

— Não morrerei, dizes tu?

-- Não!

— Juras-me?

— Juro pelo sol que se vai occultando, não morrerás.

— Desobedecerei ao Senhor que me creou.

— Não; serás tão grande quanto é elle. Eterna será a tua felicidade; eterna será a felicidade d'aquelle de quem foste formada.

E a misera colheu o formoso fructo que pendia dourado da arvore da sciencia; partio-o e levou-o aos labios... Provou-o, a despeito da ordem do Senhor.

N'este momento occultou-se o sol no occaso, lançando um derradeiro olhar á terra que o peccado acabava de invadir.

— Adão, Adão, gritou Eva, corre, toma; como eu, come tambem do fructo da arvore da sciencia e serás tão grande como Aquelle que nos creou!

PADRE FRANCISCO BERNARDINO DE SQUZA.





## P O E S I A

### A UMA MENINA

A grinalda florida da existencia  
Mais uma branca rosa entrelaçaste!  
Bem como o firmamento a cada estreila,  
O teu céo d'innocencia illuminaste!

N'esta quadra feliz dos verdes annos,  
Em que hoje fulgura a tua aurora,  
Do mundo as avenidas são brilhantes,  
E Deos sorrindo o teu caminho enflora!

Velão por ti de tua guarda os anjos :  
Teu pai, nobre e sisudo pensador,  
E tua māi tão extremosa e bella  
No doce afago de seu santo amor !

Possa nos longes do porvir ignoto,  
Teu horizonte azul descortinado,  
Uma só nuvem não toldar, ou sombra,  
Sempre, perpetuamente illuminado.

Da urna d'amizade esta é a offrenda.  
Cingi ao ramalhete a humilde palma.  
Como havia juntar as outras flôres,  
Se todas vejo resfulgir-te n' alma ?

BRASILIO.



## MODAS

---

### DESCRIPÇÃO DO FIGURINO DE MODAS.

Vestido de garça de Chambery com listras assetinadas, côr de malva. Compõe-se a guarnição de fitas entrelaçadas. O corpinho, liso e decotado, tem um fichú da mesma fazenda cujas pontas encruzão na cintura, e é arredondado atrás; é adornado com o mesmo enfeite de fitas. Cinto de tafetá com pontas compridas fluctuando. Toucado á grega com tirinhas de fitas côr de malva.

Vestido de linos riscado azul e branco, saia lisa levantada com alamares de tafetá azul, bordados com pequenas *guipures* pretas sobre uma saia de alpaca branca tendo em baixo duas tiras iguaes aos alamares. Sobretudo de panno leve, forrado de tafetá branco e adornado com grossos botões de madreperola. Chapéo redondo de palha côr de cinza com grinalda de boninas brancas e azuis e laço azul com pontas compridas.

VESTUÁRIO DE MENINA. — Vestido e sobretudo de acolchoado côr de ganga. Chape-linho de cambraia de lã encarnada. Botinas de pelle de cabrito com elásticos.

## TRABALHOS

---

### PUF ADORNADO COM CEREJAS, N° 4 E 18.

*Materiaes* : 2 peças de cordão de seda liso; 6 pequenas meadas de lã branca; 7 ditas verde mui claro; 12 ditas verde 2º matiz; 14 ditas verde 5º matiz; 15 ditas verde 4º matiz; 21 ditas verde do matiz mais escuro; 5 ditas côr de folhas secas; 2 ditas verde-amarello; 20 ditas encarnado; 40 grammas de lã ouro e preto.

Este puf é uma das mais lindas novidades n'este genero. Não é caro nem mui custoso de fazer; por isso esperamos que agrade ás nossas jovens leitoras.

Além do conjunto do puf, tambem damos um detalhe do florão do meio. Faz-se



M. Carache  
Fils et Néonier impr. 5<sup>e</sup> Louis en l'Île 90. Paris.

H. L. Félix

# JORNAL DAS FAMILIAS

Setembro de 1865 - 3º Anno

este de *crochet*. Começa-se pelo centro sobre cordão de seda liso. Fazem-se tres rodas de *crochet* com lã branca; trabalha-se rodeando sempre em espiral. Deve-se ter 25 malhas na terceira roda.

**4<sup>a</sup> roda.** — 2 malhas brancas; a terceira de lã ouro e preto, tornando a tomar a malha sobre a roda precedente; esta malha fica assim feita sobre duas rodas de cordão de seda; 2 malhas brancas e a terceira de lã ouro e preto, tomada como a ultima na roda precedente. N'esta roda deve haver 8 grandes malhas ouro e preto.

**5<sup>a</sup> roda.** — 5 malhas brancas; 2 malhas de ouro e preto tomadas sobre a ultima roda de cordão de seda da roda precedente e de cada lado d'esta ultima que forma o centro d'estas duas grandes malhas. Repete-se assim todo ao redor.

**6<sup>a</sup> roda.** — 2 malhas brancas; 5 malhas verde escuro; continua-se o mesmo todo ao redor e sempre o branco sobre um só cordão de seda e o verde sobre dous.

**7<sup>a</sup> roda.** — 5 malhas brancas; 4 malhas verde mais claro. Continua-se.

**8<sup>a</sup> roda.** — 5 malhas brancas; 5 malhas verde mais claro. Continua-se.

**9<sup>a</sup> roda.** — 8 malhas brancas; 2 malhas verde mais claro. Continua-se.

**10<sup>a</sup> roda.** — 6 malhas brancas; 1 malha ouro e preto; 6 malhas brancas; 1 malha verde o mais claro. Continua-se. Esta roda concluir a estrella do meio.

**11<sup>a</sup> roda.** — 10 malhas brancas; 2 malhas ouro e preto. Continua-se.

**12<sup>a</sup> roda.** — 9 malhas brancas; 3 grandes malhas verdes, 5º matiz, por cima das malhas ouro e preto, para começar uma folha.

**15<sup>a</sup> roda.** — 12 malhas brancas; 2 malhas verde mais claro. Continua-se.

**14<sup>a</sup> roda.** — 4 malhas brancas; 5 grandes malhas verde claro, 1 malha pequena entre cada uma das grandes; 4 malhas brancas; 1 grande malha verde claro para concluir a folha. Começa-se de novo em 4 malhas brancas e continua-se.

**15<sup>a</sup> roda.** — 6 malhas brancas; 6 grandes malhas verde claro. Continua-se. N'esta parte o branco forma uma ponta. Deve haver 8 pontas brancas na roda.

**16<sup>a</sup> roda.** — 5 malhas brancas; 7 malhas verde claro, 2º matiz. Continua-se.

**17<sup>a</sup> roda.** — 4 malhas brancas; 8 malhas do mesmo verde que a roda precedente. Continua-se.

**18<sup>a</sup> roda.** — 5 malhas brancas; 9 malhas verde mais escuro. Continua-se.

**19<sup>a</sup> roda.** — 2 malhas brancas; 9 malhas do mesmo verde que a roda precedente. Continua-se.

**20<sup>a</sup> roda.** — Toda esta roda verde escuro. Cumpre aumentar de vez em quando para que o trabalho fique chato.

**21<sup>a</sup> roda.** — Igual á precedente.

**22<sup>a</sup> e 23<sup>a</sup> rodas.** — Estas duas rodas verde muito escuro.

**24<sup>a</sup> e 25<sup>a</sup> rodas.** — Estas duas rodas verde escuro do 2º matiz.

**26<sup>a</sup>, 27<sup>a</sup> e 28<sup>a</sup> rodas.** — Estas tres rodas verde do 3º matiz. Cumpre aumentar em cada roda.

**29<sup>a</sup>, 30<sup>a</sup>, 31<sup>a</sup> e 52<sup>a</sup> rodas.** — 4 rodas de *barrettes* com o verde o mais escuro, para concluir a parte superior do puf.

A guarnição faz-se á parte; é uma grinalda de ramalhetes de cerejas; faz-se do modo seguinte :

Para as cerejas : cortão-se 45 fios de lã encarnada de comprimento de 4 centímetros; atão-se pelo meio apertando fortemente com linha preta; liga-se-lhe uma haste de fio de latão coberto com papel mui transparente, verde; dobrão-se os fios de lã uns sobre os outros de modo a formar uma bola. Para que esta bola seja regularmente redonda, é preciso pentear a lã e tosal-a com tesoura até que apresente uma superficie lisa e arredondada. Fazem-se assim 42 cerejas. Podem-se variar os matizes encarnados, fazer umas lisas e outras matizadas.

Para as folhas : fazem-se 12 malhas *chainettes* de *crochet*, sobre as quaes fazem-se 12 *barrettes* verde escuro, diminuindo no fim para a ponta da folha. Fazem-se de novo as mesmas *barrettes* do outro lado das malhas *chainettes*, porém de um matiz de verde mais claro; diminue-se do mesmo modo na ponta da folha. Cerca-se a folha com uma carreira de malhas simples de lã ouro e preto. São precisas 65 folhas de matizes de verde variados.

Para a armação : corta-se um redondo de 51 centimetros de diametro de panno de linho verde, e outro de 25 centimetros; uma tira do mesmo panno de linho de 8 centimetros de alto. Faz-se nas mesmas proporções uma almofada de metim branco cheio de sargaco, cobre-se com o panno de linho verde. Entre as duas fazendas do redondo maior, põe-se um redondo de papelão para sustentar a parte inferior do puf. Sobre a almofada assim preparada, estende-se o trabalho de *crochet*. As quatro carreiras de *barrettes* flexiveis cobrirão a espessura da almofada. Dispõe-se depois a grinalda de cerejas e de folhas alternando-as, e atão-se sobre um pedaço de latão. Prende-se esta grinalda á roda do puf com pontos perdidos, e ata-se a maior parte das folhas sobre o trabalho de *crochet*. As cerejas, dispostas em ramalhetes de tres, cahem naturalmente.

#### TAPETE PARA ALAMPADA, N° 24.

*Materiaes*: 120 grammas de lã de 10 fios, de tres matizes de encarnado Sollerino; 15 grammas da mesma lã, preta; 8 carreiras de contas marcassitas.

Este lindo tapete para alampada ou frasco compõe-se de doze *côtes* que se fazem de *crochet* á parte. Fazem-se quatro *côtes* de cada um dos tres matizes de encarnado Sollerino.

Para cada *côte* faz-se uma *chainette* de 17 malhas, depois uma carreira de 16 malhas de *crochet tunisien* ordinario. Faz-se depois uma carreira de seis malhas sómente, de *crochet tunisien* aberto, deixando as outras malhas da primeira carreira. O *crochet tunisien* aberto, que se continua por toda a *côte*, faz-se mettendo sempre *entre* duas malhas verticaes, em lugar de metter por *baixo* d'estas. Na volta, desarmão-se as malhas como no *crochet tunisien* ordinario.

Nas carreiras seguintes fazem-se sempre duas malhas de mais por cima da primeira carreira, até que se tenha tomado todas as malhas d'esta na oitava carreira de *crochet tunisien* aberto. No principio das tres ultimas carreiras, salta-se o primeiro intervallo entre duas malhas verticaes, afim de formar o fundo do dente da beira exterior.

Concluidas as doze *côtes*, collocão-se segundo a gradação dos matizes indicados no nosso modelo, depois reunem-se com uma carreira de pontos *lancés*, de lã preta. Só resta então por fazer a guarnição. Para isto toma-se primeiro a lã do matiz mais claro e faz-se uma malha simples na quarta malha da primeira carreira de uma das *côtes*, contando desde a beira exterior. Fazem-se 8 malhas no ar, depois uma malha simples na 4<sup>a</sup> malha da primeira carreira da *côte* seguinte, e assim por diante todo ao redor. Fazem-se ainda duas rodas iguaes, como se vê no nosso modelo, servindo-se dos dous matizes de lã seguintes. Depois enfiá-se linhá branca bastante forte, mette-se a agulha no fundo de um dos dentes da beira, enfião-se 12 contas marcassitas e mette-se de novo a agulha no fundo seguinte; enfião 4 contas, mette-se sobre a 5<sup>a</sup> roda da cercadura de malhas no ar; depois por baixo para tornar ao mesmo ponto; enfião-se ainda 12 contas marcassitas e continua-se do mesmo modo todo ao redor.

Corta-se panninho lustrado da forma do tapete de alampada e forra-se escondendo os pontos sob os recórtes de contas.

## PONTA DE GRAVATA, N° 9.

Não afrouxa a moda das gravatas bordadas. Vêm-se ornadas de todos os attributos que se possão imaginar. Desde os emblemas religiosos até os mais mundanos, n'ellas vê-se tudo, paisagens, animaes, até enigmas. A pequena andorinha, soltando o vôo no espaço, que escolhemos para modelo, é por si mesma quasi um enigma n'esta estação das viagens. Demais, qualquer que seja o pensamento que presidir á sua confecção, será ella de bom gosto bordada sobre tafetá azul, com retroz preto, branco e azul esverdeado para as costas. Este bordado faz-se de ponto *lancé*, um pouco comprido e mui inclinado; não se estofa e trabalha-se chato. Uma pequena conta de aço forma o olho. As duas pontas fazem-se iguaes voltando o debuxo da andorinha.

## EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE BORDADOS.

- Nº 1. — Tira recortada. Ponto de relevo e ponto de *poste*.
- Nº 2. — S. P. Iniciaes inglezas ornadas. Ponto de relevo e ponto d'*armes*.
- Nº 3. — Collarinho á marinheiro. Para bordar em ponto de relevo sobre fôzenda dupla e bainha pespontada.
- Nº 4. — Meio do puf. (*Vide os trabalhos.*)
- Nº 5. — Entremeio. Ponto de relevo e ponto de *poste*.
- Nº 6. — *Cornelia*. Nome de letras gothicas. Duplo cordãozinho.
- Nº 7. — Tira recortada. Ilhós e recorte ponto de *rose*.
- Nº 8. — L. F. Iniciaes inglezas ornadas. Ponto de relevo.
- Nº 9. — Ponta de gravata Andorinha. (*Vide os trabalhos.*)
- Nº 10. — Escudo para canto de lenço com as iniciaes A. D. entrelaçadas. Ponto de relevo e ponto d'*armes*.
- Nº 11. — Quarta parte de um lenço, para bordar em ponto de relevo sobre cambraia. Beira recortada, ponto de relevo e ilhós.
- Nºs 12 e 15. — Tiras recortadas. Ponto de relevo e recórte ponto de *rose*.
- Nº 14. — Punho alto. Beira recortada por dentro. Duplo cordãozinho, ponto de *poste* e ponto à *la minute*.
- Nº 15. — *Florina*. Nome de letras inglezas ornadas. Ponto de relevo.
- Nº 16. — *Christina*. Nome de letras inglezas ornadas. Duplo cordãozinho e grãos.
- Nº 17. — Punho alto, irmanado com o collarinho nº 5.
- Nº 18. — Conjuncto do puf. (*Vide os trabalhos.*)
- Nº 19. — *Isabel*. Nome de letras inglezas ornadas. Cordãozinho e grãos.
- Nº 20. — M. H. B. Iniciaes entrelaçadas, com uma corôa de visconde por cima. Ponto de relevo e ponto d'*armes*.
- Nº 21. — *Henriqueta*. Nome de letras inglezas ornadas. Ponto de relevo.
- Nº 22. — Collarinho á marinheiro, irmanado com o punho nº 14.
- Nº 23. — A. B. Iniciaes inglezas ornadas. Ponto de relevo.
- Nº 24. — Tapete para alampada. (*Vide os trabalhos.*)
- Nº 25. — A. F. Iniciaes inglezas ornadas. Ponto de relevo.
- Nº 26. — *Beatriz*. Nome d'lettras gothicas. Cordãozinho.
- Nº 27. — A. D. Iniciaes inglezas ornadas com flôres. Ponto de relevo.
- Nº 28. — Tira recortada. Bordado inglez e ponto de relevo.
- Nº 29. — Entremeio. Ponto de relevo e ponto d'*armes*.
- Nº 30. — Canto de fronha. Recórte ponto de *rose*, e flôres de lis, ponto de relevo e ponto d'*échelle*.
- Nº 31. — Tirinha recortada e ponto de relevo.

## EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE MOLDES.

Molde de cinto-cossolete com abas.

Nº 1. — Metade das costas.

Nº 2. — Lado das costas.

Nº 5. — Metade da frente.

Nº 4. — Lado da frente.

Moldes de corpinho e casaquinha para criança.

O bordado faz-se com *soutache* de algodão branco e preto para as linhas direitas; com bordado russo de retroz preto; com recórte crista de gallo com *pointillé* de retroz preto no interior dos recórtés; os grãos com algodão branco.

Nº 5. — Uma das frentes da casaquinha.

Nº 6. — Costas.

Nº 7. — Pequeno lado.

Nº 8. — Manga.

Nº 9. — Baixo da saia, por cima da bainha.

Nº 10. — Metade do corpinho decotado, no qual prega-se a saia franzida com grossas pregas e mui curta.

Nº 11. — Ponta do cinto.

Este lindo vestuário faz-se de acolchoado branco ou amarelo còr de ganga, de cashemira, alpaca ou panno leve, còr de cinza.

## ESTAMPA DE CROCHET.

Desenho para a parte inferior de alva ou toalha de altar.

*Crochet* quadrado de algodão branco ou *filet* bordado em ponto de concerto.

Este desenho é mui leve e elegante, bem que perfeitamente adaptado para ornamento de igreja.

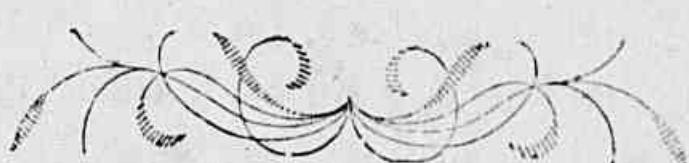
## ESTAMPA DE TAPEÇARIA PRETA.

## NO VERSO.

Este lindo desenho de tapeçaria foi feito para tapete de frente de altar. Pôde servir tambem para almofada ou genuflexorio.

A tira que se acha ao lado não faz parte d'elle. É destinada para cobrir trastes, poltronas, cadeiras, caixinhas de madeira, etc., alternada com tiras de velludo ou de *reps*. Vimo-lo reproduzido com mui bom resultado em ponto imperial ou ponto dupla-cruz, sobre 8 fios de talagarsa em vez de quatro.

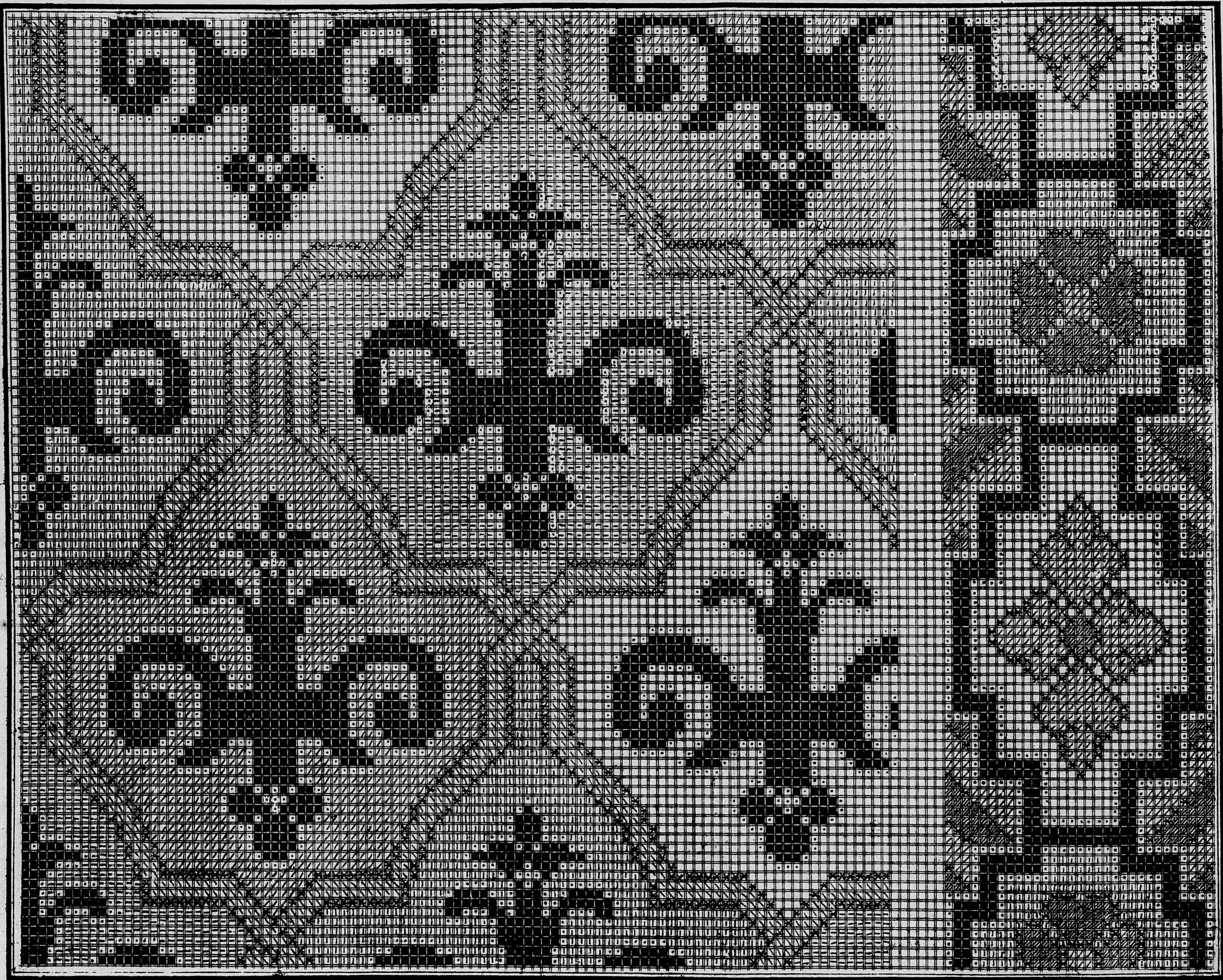
Fica muito lindo fazendo-se a còr de milho e os matizes mais claros com retroz de Argel.



3º Anno.

JORNAL DAS FAMILIAS.

Setembro de 1865.



LISTA DAS CORES DA ALMOFADA. — ■ Preto. □ Amarelo. □ Branco. □ Encarnado. □ Pardo. □ Pardoclaro. □ Azul. □ Verde.

VISTA DAS CORES DA TIRA. — ■ Preto. □ Azul. □ Pardo escuro. □ Amarelo. □ Encarnado. □ dito clar. □ Branco. □ Amarelo e escuro.